

GAZETA MEDICA

DA BAHIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XIV

DEZEMBRO, 1882

N. 6

O DR. PATERSON —

Multis ille bonis febilis occidit.

A profissão medica e toda a população d'esta cidade foram dolorosamente surprehendidas na tarde do dia 9 do corrente pela noticia do inesperado fallecimento do Dr. John Ligertwood Paterson, nosso collega, amigo e collaborador, e um dos mais antigos e distinctos clinicos da nossa capital.

A infausta nova propagou-se rapidamente, levando a consternação aos seus compatriotas e amigos, aos seus collegas e clientes, a todos quantos lhe conheciam e apreciavam a nobreza de character, e os acrisolados sentimentos de caridade. Foi como se uma grande catastrophe houvesse de subito abalado o espirito publico, trazendo após o espanto pelo imprevisito do acontecimento, a depressão de animo que succede ás grandes e irreparaveis perdas.

Entretanto não era o caso de um alto funcionario ou de um personagem da mais elevada hierarchia social que, ferido pelo sopro da morte, baixava do fastigio da sua posição até ao pó do sepulchro; era um simpies medico, e um medico estrangeiro pela nacionalidade, ainda que sincera e verdadeiramente bahiano pelo coração, que cahia como fulminado á cabeceira de um cliente, ao pé de um leito onde havia dores para alliviar, e desalento que carecia de

conforto. Foi ahi, no seu posto de honra, no desempenho da missão evangelica de apóstolo de caridade e de mensageiro de esperança que o colheu a morte, no proprio momento em que elle procurava alimentar a chamma vacillante da vida ao enfermo afflicto, ou derramar sobre males sem remedio o balsamo salutar da consolação.

Era aquella uma missão nobilissima, e elle interrompeu-a... para partir deste mundo tão nobremente como nelle tinha vivido, cumprindo o seu dever até o ultimo instante.

Todas as classes sociaes lamentaram o triste successo, e não poucos foram os lares, ricos ou pobres, onde cahiram lagrimas de sincero sentimento. A estima geral pelo medico humanitario e dedicado traduzia-se em significativas manifestações de profunda magua, como se cada familia, cada cidadão que lhe aquilatavam as virtudes civicas e profissionais, os dotes do seu elevado espirito e as bondades do coração houvessem perdido nelle um proximo parente ou um amigo intimo e prestimoso.

O Dr. Paterson vivéra no Brazil cerca de quarenta annos, sendo perto de trinta e seis na Bahia, onde succedéra a seu irmão, já fallecido, o Dr. Alexandre Paterson, que então se retirára para Inglaterra. Tinha 62 annos de idade, dos quaes não menos de dous terços passados entre nós.

Habilitado pela nossa Faculdade de Medicina a exercer legalmente a sua profissão no Imperio, em breve conseguiu conquistar o alto conceito de que sempre gozou entre os nossos medicos clinicos em geral, e merecer pelas suas distinctas qualidades como homem e como facultativo, e pela proficiencia com que desempenhava os deveres do seu ministerio, as sympathias, a confiança e a estima de todas as classes, tornando-se um dos medicos mais populares que praticaram nesta cidade no presente seculo.

Accresce ainda que a estes predicados reunia o Dr. Paterson não só extensos conhecimentos profissionais em quasi todos os ramos da sciencia medica, illustrados pela

diuturna e larga experiencia no exercicio da arte de curar, como tambem uma variada instrucção scientifica e litteraria, como o sabem todos os homens de letras, medicos ou não, que cultivaram as suas relações.

Dotado de uma constituição forte parecia refractario ás fadigas do trabalho incessante a que o obrigava a clinica mais extensa que jamais poudo algum facultativo exercer nesta provincia. Consagrava aos seus doentes todas as horas do dia e não poucas das destinadas ao descanso do corpo e do espirito, á reparação das forças phisicas e mentaes. Começava péla consulta matutina aos pobres que desde as cinco horas da manhã lhe affluíam diariamente á porta em multidão, e terminava alta noite depois de visitados os doentes graves que reclamavam mais particular cuidado e assiduidade.

Esta era e foi a sua lida de todos os dias por muitos annos; e a quem lhe extranhava o entregar-se a tão aturado e improbo trabalho, costumava responder: «Não é isso o que me desgosta na minha profissão; o que me desgosta é recolher-me depois de esgotado o meu tempo e as minhas forças, e deixar ainda queixosos e descontentes os que não puderam ser attendidos.»

Mas porque e para que tanto afan?

Procedia elle assim por espirito de bem fazer com uma abnegação levada aos ultimos limites do possivel, ou visava ao interesse material dominado pela cubiça de accumular proventos?

A esta interrogação estamos certos que será unanime a resposta de todos quantos o conheceram, e em de nós a dará proximamente com mais desenvolvimento, quando em um esboço biographico do nosso lamentado collega o considerar no seu duplo character de medico pratico, e de membro de uma profissão nobre e humanitaria.

Aquella organização que parecia dotada de forças inquebrantaveis sustentou por longos annos um labor insano.

A sua energia vital, que parecia inesgotavel, retemperada por alguns intervallos de repouso no paiz natal, esteve sempre na altura da actividade a que servia; mas eis que, florescente ainda, e sem que se denunciasse notavelmente abatida, extinguiu-se n'um momento como a chamma que o tufão apagara.

Depois da sua ultima ausencia viera ha seis mezes o Dr. Paterson continuar os seus trabalhos clinicos, e com a diligencia que lhe era habitual. Só nos ultimos quinze dias da sua vida sentira incommodos a que não deu importancia, e que não lhe chegaram mesmo a estorvar o trabalho quotidiano. Eram apenas diminuição do appetite, tonturas de cabeça, e suores frios sem motivo apparente. No dia 2 praticára com um de nós uma operação importante, a ultima, sem difficuldade nem fadiga, e nos seguintes dias pensára a ferida, e visitára como d'antes a todos os seus doentes. No dia 9, cerca de seis horas da tarde, achava-se em casa de um seu cliente, proximo ao Pharol da Barra, e propunha-lhe uma conferencia para o dia seguinte, quando, de repente, deixou de fallar, levou as mãos á cabeça, e cahiu da cadeira sobre a cama que lhe ficava ao lado esquerdo.

Deitado pelas pessoas presentes no proprio leito do seu doente, que na occasião estava sentado, e foi logo removido para um quarto proximo, ainda recobrou parcialmente os sentidos, pronunciou algumas breves palavras, entre ellas o nome de um dos collegas que escolhéra para a conferencia, e poucos momentos depois tornou a cahir, e para sempre. . . . Em menos de meia hora o homem de ferro, como o designavam os admiradores da sua excepcional actividade, era um cadaver.

Com quanto se occultasse ao aterrado enfermo o fatal acontecimento, aggravou-se por tal modo o seu estado, que succumbiu tambem dous dias depois.

No domingo, 10, foi o cadaver do Dr. Paterson depositado na capella ingleza, ao Campo Grande, e á tarde, depois dos officios do ritual protestante, conduzido ao cemiterio dos subditos da mesma nacionalidade, á Ladeira da Barria, acompanhado por uma multidão superior a mil pessoas, entre as quaes algumas senhoras.

O nosso collega tivera a grande infelicidade de morrer ausente de toda a sua familia, que ha alguns annos reside em Edimburgo. Dirigia o sahimento o Sr. G. A. Stevens, consul de S. M. Britanica; mas este funcionario, representante ao mesmo tempo do seu paiz e da familia do finado, não poudé impedir com a sua dupla authoridade que o povo em massa, e quasi á viva força se apoderasse do feretro, que devia ir em carruagem funebre, e o conduzisse á mão até ao cemiterio.

Eram principalmente os pobres que disputavam aos amigos do finado, e entre si a preferencia em prestar ao seu bemfeitor aquella ultima homenagem da sua gratidão.

Os ricos, diziam elles, já fizeram o que deviam; nós agora fazemos o que podemos; não dispomos de outro meio, nem queremos perder esta occasião, que é a ultima, de honrar a memoria d'aquelle que foi sempre o pae dos pobres.

Não houve remedio senão cedêr, e o prestito funebre marchou silenciosamente e a pé até ao cemiterio. As scenas commoventes que ahi se passaram imaginam-se mas não se descrevem. Desenhava-se a tristeza em todos os semblantes, e na terra que ia cobrir para sempre os despojos que deixára no mundo aquelle grande espirito, cahiram, como orvalho de saudade, as pias lagrimas dos seus compatriotas, dos seus amigos, dos seus collegas, e dos seus clientes, pobres ou abastados.

Não estava alli a desolada familia, que talvez áquella mesma hora já de longe carpia amargamente a perda do seu chefe; mas estava, congregada pela identidade dos sentimen-

tos, aquella outra familia numerosissima que a amizade e a gratidão lhe haviam creado nesta terra hospitaleira que elle tanto amava, e onde os pobres com razão lhe chamavam pae.

O homem infatigavel que parecia ter o dom da ubiquidade, que ainda na vespera fóra visto na sua lida quotidiana, dava á terra o que é da terra, e ia alli repousar ao lado da sepultura de uma filhinha que alguns annos antes perdêra, e que por um fatal presentimento elle piedosamente visitára na ante vespera de ir reunir-se áquelle anjo que o chamava para o pé de si....

O funeral do Dr. Paterson será lembrado n'esta cidade por muitos annos. Homenagens tão espontaneas e tão sinceramente sentidas como as consagradas n'aquelle dia á sua memoria, rarissimas vezes as tem visto a Bahia prestar aos seus mais conspicuos e benemeritos cidadãos.

Não se mente á beira de um tumulo; aquellas manifestações de respeito, gratidão e saudade eram verdadeiras; vinham do coração, e davam a medida do que valêra na sua peregrinação terrena em meritos e virtudes, em abnegação e obras de caridade aquelle exforçado lidador, para quem raiara o dia supremo em que começa o verdadeiro descanso, o descanso eterno....

A *Gazeta Medica* mereceu sempre ao Dr. Paterson cuidados paternaes; ajudára a creal-a, e queria-lhe como a filha; guiou-a com os seus conselhos, animou-a com as suas exhortações, e illustrou as suas paginas com os fructos da sua experiencia quanto lh'o permittiu o escasso tempo que lhe deixavam os seus arduos trabalhos clinicos.

Ha quasi dez annos que perdemos, tambem inesperadamente, e da mesma sorte fulminado por uma appoplexia cerebral outro nosso laborioso cooperador, o Dr. Wucherer.

Os claros que ambos deixam em nossas fileiras tarde ou

nunca serão preenchidos. Ao enlutarmos hoje estas paginas registando a recente perda de um, ocorre-nos viva ao espirito a não menos lamentada perda do outro; amigos ambos entre si, tambem o foram egualmente nossos, e prestimosos auxiliares na difficil empreza de sustentar um periodico scientifico n'esta capital, pouco propicia a taes commettimentos, e n'esta epoca em que a indiferença e o egoismo paralysam, quando não aniquilam ao nascer as mais esperançosas tentativas de verdadeiro progresso scientifico e profissional.

O Dr. Paterson deixa-nos sós na arena onde luctou ao nosso lado; continuaremos, todavia, a nossa tarefa; e se já o não temos por auxiliar em promover o adiantamento da nossa litteratura medica, e em pugnar pela honra e dignidade da nossa classe, fica-nos, como incentivo, o nobre exemplo que elle nos deixa de uma vida empregada toda no trabalho honesto e desinteressado, de uma probidade profissional severa e intransigente, de uma pureza de costumes immaculada, e de uma lealdade confraternal escrupulosa.

Esse exemplo talhado para modelo de medicos honrados e caridosos fica vivo na memoria de todos nós para o imitarmos, e comnosco todos aquelles que transpозerem os umbraes da nossa profissão com o coração puro, e com o proposito firme de bem servir a sciencia, que nos allumia o caminho, e a humanidade, que tudo espera das nossas luzes.

Associando-se ao sentimento geral, a Redação da *Gazeta Medica* tem motivos especiaes para deplorar a perda do eminente collega com quem convivia na mais cordial intimidade confraternal; e manifestando n'estas maguadas expressões o seu profundo pezar, cumpre o triste dever de consagrar aqui á honrada memoria do seu amigo, irmão de profissão, e companheiro de trabalho a homenagem do seu respeito, e o testemunho da mais viva e perduravel saudade.

CIRURGIA

NECROSE DO FRONTAL

EXTRACÇÃO DO SEQUESTRO, PONDO A DESCOBERTO AS MEMBRANAS DO CEREBRO, PRATICADA PELO DR. FORT. CURA. OBSERVAÇÃO FEITA PELO ESTUDANTE DE MEDICINA E. CHAPOT PREVOST.

No dia 9 de Junho de 1881, os Drs. Constantino Junior, director do hospital de S. João Baptista de Nictheroy, e Andrade, cirurgião do mesmo hospital, mostraram ao Dr. Fort uma doente tendo acima e á direita da fronte uma grande fistula suppurando abundantemente. O pus era impellido por pulsações isochronas ás pulsações arteriaes.

O stylete encontrava uma superficie ossea desnudada e rugosa. A doença tinha cinco mezes de duração.

Tendo declarado que somente uma operação poderia curar esta molestia, o Dr. Fort foi convidado para fixar o dia.

No dia 11 de Junho a doente foi chloroformisada. Depois de ter raspado a parte anterior do couro cabelludo, o Dr. Fort fez uma incisão crucial cuja parte horizontal media quatorze centimetros pouco mais ou menos. Estas incisões foram feitas com pequenas pausas, á medida que se ia descobrindo uma nova porção do osso affectado. Um grande numero de arterias foram divididas, a hemostasia offereceo algumas difficuldades.

A porção do osso doente occupava o centro do frontal, transpunha a linha mediana para a esquerda, estendia-se em altura desde o seio frontal até a sutura fronto-parietal e invadia para a direita a parte anterior da fossa temporal.

O osso doente tinha um aspecto avermelhado; eram granulações situadas na espessura e por baixo do osso, que faziam

saliencia através os orificios de que a superficie ossea estava crivada.

O Dr. Fort, com a raspadeira, affastou o periosteo e verificou que tanto as granulações como a superficie ossea eram muito molles.

Tirou uma camada ossea e rebentos carnudos em uma extensão de mais de cinco centimetros quadrados e em uma espessura relativamente consideravel. O Dr. Fort continuava sempre a operação, raspando e destruindo até encontrar um sequestro que movia-se sob a acção dos instrumentos. Elle o segurou com pinças; o sequestro era formado por uma peça principal de dez centimetros quadrados e de pequenos fragmentos accessorios que se tinham separado. As partes necrosadas tinham a espessura de um frontal ordinario e eram evidentemente formadas pelo antigo osso.

Depois de extrahido o sequestro, o Dr. Fort verificou, não sem emoção, que a dura-mater estava descoberta. Os medicos do hospital, presentes, puderam presenciar a nudez d'esta membrana.

O operador continuou a tirar todas as partes affectadas e destacou alguns rebentos carnudos que se tinham introduzido entre o frontal e a dura-mater. Elle raspou a superficie da dura-mater e, tendo tirado os rebentos carnudos, reunio os bordos das incisões por vinte e dous pontos de sutura com fio de prata, esperando uma reunião por primeira intensão.

O curativo antiseptico de Lister foi empregado com todo rigor exigido.

Não havia um instante a perder. A doente foi alimentada desde o primeiro dia com alimentos solidos. Os fios foram tirados 9 dias depois da operação.

A parte direita da sutura horizontal abrio-se para deixar passar um pouco de pus fornecido pelos rebentos carnudos que não se tinha podido tirar durante a operação. Esse trajecto fistuloso diminuiu pouco a pouco; ficou um pequeno canal fistuloso donde sahe um pouco de serosidade purulenta.

BIO-BIBLIOGRAPHIA

PASTEUR E AS SUAS DOCTRINAS

Pelo Dr. J. REMEDIOS MONTEIRO

(Continuação da pag. 202)

Si le siège du mal peut déjà nous guider dans le choix des indications thérapeutiques, il est bien plus évident que la cause doit être utile à connaître et peut servir puissamment au médecin, pour le même objet; j'entends, sa cause intime, autrement dit l'élément nosologique, ce qui détermine son espèce et sa nature.

A. FERRAND — Thérapeutique médicale — pag. 41 — Paris, 1875.

Havendo-se já descoberto um certo numero de microphytas e microzoários na atmosphera, é possível que mais tarde se encontrem outros, que por enquanto não são visiveis nos actuaes microscopios.

Com os olhos do espirito podem-se, porém, seguir as grandezas constantemente decrescentes d'esses protoorganismos e comprehender assim a existencia d'elles no mundo por milhares de milhares, e conceber-se o infinitamente pequeno não infinitamente pequeno.

A força augmentativa do microscopio não pode servir de limite ao microcosmo.

É preciso com a imaginação ir além, muito além, sem contudo cahir nas exagerações das monadas vitales de Leibnitz e de L. Oken, professor de Jéna e de Zurich.

Ha physicos distinctos que attribuem a cor azul da atmosphera á reflexão da luz por esses germens impossiveis de ser apercebidos directamente. D'ahi não se segue logicamente que não existam seres ainda mais infinitamente pequenos do que

aquelles que se verificam por meio dos vidros de augmento.

Em relação á pathologia os trabalhos de Luiz Pasteur vieram mostrar que alguns dos estados morbidos, considerados productos da actividade peculiar ao organismo, fóra das condições normaes, devem d'ora em diante ser attribuidos á existencia de individuos independentes do proprio organismo, quer pertençam ao reino vegetal, quer ao reino animal.

« A theoria dos germens foi um facho de brilhante luz, disse o Dr. Araujo Góes, que esclareceu as trevas em que se debatia extraviada e portanto impotente a velha pathologia. »

É o estudo aprofundado d'estes entes que provavelmente nos proporcionará a seu tempo a explicação de algumas molestias endemicas, cujas causas são geralmente attribuidas a certas condições metereologicas e cosmicas, desconhecidas, como sejam a dysenteria em Java, os dertos em Champagne, a diphtheria na Touraine, a pellagra no baixo Milanez, a peste no Egypto, a lepra no Japão, a colica no Surinam, etc.

A seu tempo virá tambem a explicação das molestias epidemicas por contagio e infecção. « Com a theoria do parasitismo, accrescenta ainda o Dr. Araujo Góes, o miasma da antiga pathologia, o principio volatil, o agente do contagio, deixa de ser uma imagem para tornar-se uma realidade viva, que se pode ver, estudar, multiplicar e até domesticar: a medicina se sente mais robustecida, porque sabe onde procurar as causas de certos estados morbidos e combatel-as em seu proprio domicilio. »

Pasteur foi certamente o promotor das tendencias medicas da actualidade, pondo nas mãos dos clinicos e dos experimentadores o fio conductor, tirado de sciencias mais exactas.

Em relação ao estudo das epidemias miasmaticamente contagiosas, as doutrinas de Pasteur parecem abrir-lhe uma nova era. Alguns exemplos melhor farão comprehender a grande importancia da applicação da moderna doutrina parasitaria. Vejamos, por exemplo, a cholera-morbus asiatica.

Uma grande autoridade scientifica exprime-se da seguinte maneira a respeito do veneno cholericico: « La nature de ce

poison est aussi inconnue que celle des autres poisons morbides, et, jusqu'à ce jour, elle n'a été l'objet que de vues spéculatives. » (Griesinger — *Maladies infectieuses*, trad. par G. Lemattre, pag. 423 — Paris, 1868.)

Evidentemente é necessario invocar um veneno como causa especifica, favorecida por agentes ou por causas predisponentes e causas occasionaes banaes.

Deixemos de parte todas as hypotheses que se tem feito sobre a natureza d'esta causa especifica. Que multidão de livros, opusculos, artigos de jornaes não se tem publicado a respeito ! Forçoso nos é circumscrever a questão, limitando-nos a consideral-a como uma molestia parasitaria. A chimica desde tempos remotos procurou com os meios de investigação que possui dizer alguma cousa a respeito, mas pouco ou nada adiantou. Dentre os escriptores antigos Linneo, o sabio botânico, julgou que o agente contagioso da cholera-morbus eram *animalculos*. O que a bella sciencia de Lavoisier não conseguiu fel-o a microscopia dos tempos actuaes.

A. M. C. Isidore de Cornevin, em uma these sustentada em 1867 perante a Faculdade de medicina de Pariz, tratando da cholera-morbus apresenta a idéa de que as grandes epidemias são de natureza parasitaria.

Roche, o collaborador com Sanson de um Tratado de Pathologia externa, outr'ora muito estimado, depois de haver estabelecido que a causa da cholera-morbus é um miasma, ensaia demonstrar sua natureza do seguinte modo: — « L'hypothèse des animlacles si bafanée que personne n'ose s'en faire le parrin, est, cependant, la plus rationnelle et la plus probable. Mais elle n'a été encore verifiée par les faits. (Lettres sur le choléra, octobre 1852.) »

Segundo as importantes pesquisas de Hallier, professor de Iéna, publicadas em 1867, a cholera-morbus asiatica é do numero das molestias causadas por vegetaes rudimentares — um cogumelo microscopico que affecta o arroz.

Roberto Tytler, que se achava na India por occasião da

grande epidemia de cholera-morbus de 1817, encontrou de facto a origem da molestia no uso do arroz alterado.

O professor Hallier, sobrinho de Schleiden, considera os corpusculos infecciosos, quaesquer que sejam, como organismos vegetaes, estranhos á economia, no seio da qual elles vêm implastar-se e determinar, ahi alimentando-se, as differentes molestias infecciosas.

Assim para este autor o principio contagioso da variola é um *micrococcus*, que pela cultura dá o *aspergillus glaucus*.

Elle observou no sangue e na expectoração dos doentes de sarampão um *micrococcus* que pela cultura dá o *mucor mucedo*, que é um dos parasitas frequentes nas hastes do trigo.

Hallier tendo regado uma porção de arroz germinado com dejecções cholericas, ahi viu desenvolver-se um cogumelo particular ou especial, cujos filamentos brilhantes penetravam na planta.

Na Allemanha os Drs. Klob e Thomé sustentam que a molestia depende do desenvolvimento de uma especie de vegetal da infima classe, o fungus, que foi encontrado pelos dous observadores nos intestinos dos cholericos. (*Gazeta Medica da Bahia* n. 26 de 31 de julho de 1867.)

Até hoje não se conhece meio de matar ou extinguir este fungus, a que chamaram — *cylindrotæmium* — no interior dos órgãos, limita-se a fazel-o evacuar pelos meios ordinarios; mas haveria grande vantagem em destruir-lhe a vitalidade nas dejecções por meio de uma temperatura de 100 graos: um jacto de vapor talvez bastasse. Assim se faria cessar uma das causas presumidas de propagação d'esta terrivel molestia indiana, sobretudo depois dos trabalhos de Pettenkofer e Delbruck em 1855.

Wieger baseando-se em experiencias de diversos observadores admite que os esporos minimos ou punctiformes destroem o epithelio intestinal e invadem todo o organismo: estes esporos existem no ar ou na agua dos fôcos de infecção cholericica.

Os progressos incessantes da micrographia chegarão um dia a pôr fóra de duvida esta omnipresença dos vegetaes rudimentares, e este papel de protagonista que elles parecem representar na genese de algumas epidemias e de algumas endemias.

Esta verdade por emquanto apenas entrevista, pode já ser considerada como um valioso elemento para a solução do grande problema do parasitismo, a que tantos outros estão subordinados, e conduzirá a consequencias de um grande alcance, pois permittirá instituir um systema de medicação racional e efficiente baseado no conhecimento intimo da molestia. Só assim se poderá chegar á posse do medicamento nosocratico.

É a esperanza de bom exito que leva os medicos, guiados pelas doutrinas de Luiz Pasteur, a estudarem actualmente as substancias capazes de matar os germens organizados, comquanto seja isso muitissimo mais facil nos laboratorios do que no nosso organismo, cujas cellulas podem ser destruidas.

Além d'essa difficuldade tem-se a vencer — o rapido desenvolvimento das bacterias e a rapida eliminacão de certos medicamentos.

O melhor meio de combater as infecções é destruir os germens por toda parte onde se possa attingil-os, principalmente na atmospherá dos logares affectados e na superficie das feridas.

Si da cholera-morbus asiatica ou pestilencial passarmos a algumas outras molestias, julgadas transmissiveis por contagio ou infecção, veremos os esporos disseminados no ar propagarem o contagio, como por exemplo a *tinha*. A proposito exprime-se o Dr. J. Lemaire (1) nos seguintes termos:

« Depuis, j'ai démontré à l'hôpital Saint-Louis, en présence
 « de M. Bazin et de ses élèves, l'existence des spores de
 « l'achotion Schœnleinu dans l'air qui entoure les malades
 « atteints de favus; ce fait vient justifier l'hypothèse que soutient
 « M. Bazin, savoir: que les teignes se transmettent par
 « l'air. J'ajouterai que c'est la première fois que l'on démontre
 « dans l'atmosphère les corps reproducteurs d'une maladie

(1) Jules Lemaire — De l'acide Phénique — pag. 205 — Paris, 1865.

« contagieuse. Tous ces faits importants me paraissent ouvrir
« une ère nouvelle à la pathologie. »

Este livro é uma completa monographia na qual se estuda a acção do acido phenico sobre os vegetaes, os animaes, os fermentos, os venenos, os virus, os miasmas e suas applicações á industria, á hygiene, á therapeutica. É um livro importante pelas experiencias originaes e que muito tem contribuido para a generalisação do uso do acido phenico.

Quantos annos decorreram até que se conhecesse a natureza parasitaria d'esta molestia e de uma serie de affecções analogas?

Nos nossos dias Sylla, Herodes, Philippe II de Hespanha, o bom amigo e protector (1) do grande pintor Affonso Sanches Coelho, o *Ticiano portuguez*, fallecido pelos annos 1600, não teriam morrido de phthiriase geral.

Á sciencia d'aquella época escapavam os meios de diagnostico e de tratamento que hoje nós possuímos. Em outras éras a *tinha* produzia taes devastações que Fortunato, bispo de Poitiers (2) fallecido no anno de 609, relata na vida de Santa Radegonda, antes prisioneira e mais tarde esposa de Clotario I, antes pagã, christã depois, refugiada na Abbadia da Santa Cruz de Poitiers contra as brutalidades do marido, onde jaz sepultada na crypta, que ella, embora poderosa rainha, lavava a cabeça dos pobres e raspava as crostas, sarnas e tinhas. (*Lavans capita egenorum, defricans quidquid erat crustæ, scabiei, tincæ*, diz o notavel bispo francez do VI seculo.)

Se a *tinha* causava tantos males, sobretudo entre as crianças pobres, era pela falta de aceio e de cuidados hygienicos que entretinham as secreções accumuladas na pelle, offerecendo assim um terreno favoravel ao desenvolvimento da vegetação parasitaria, cujos esporos propagavam o mal disseminando-se no ar.

(1) Vede Archivó Pittoresco vol. 1, pag. 316. — Lisboa — 1858.

(2) Veja-se a encantadora narrativa das relações da rainha com o bispo poeta Fortunato nas obras de Augustin Thierry.

Desde que os preceitos hygienicos são mais bem comprehendidos e mais geralmente empregados, esta molestia desapareceu, pelo menos endemicamente.

Reconhecida a natureza parasitaria d'este exanthema, sobretudo depois dos estudos microscopicos de Gruby, verificados por Bennet em 1843, e posteriormente confirmados por outros observadores, descobriu-se um tratamento effcaz, menos doloroso, menos barbaro do que o antigo — do emplastro de péz, em grande voga, que arrancava couro e cabellos.

Entretanto uma notabilidade medica, o professor Grisolle (*Pathologie interne* tom. 1º, Paris, 1855), seguindo as pégadas de Casenave, desdenha as opiniões de Gruby!

Uma serie de affecções analogas á *tinha* é attribuida ao *trichophyton*, ao *aspergillus*, ao *microsporon*, etc.

Wreden explica pela presença de duas especies de *aspergillus* uma molestia do ouvido muito rebelde que se observa nas pessoas que habitam quartos humidos.

Segundo Lemaire algumas ophthalmias e outras molestias que se transmittem, á distancia, nas sallas dos hospitaes, tem por vehiculos os esporos ou seminulas de entes microscopicos disseminados na atmospherá.

É assim que segundo Chauveau o virus vaccinico e a variola não actuam senão pelos corpusculos, separaveis pelo filtro, que nadam no liquido: entretanto a solução filtrada não exerce acção alguma apreciavel. Os resultados d'essas experiencias e observações fazem crer na transmissão da maior parte das molestias infecciosas por seres microscopicos animados, ainda mesmo que os melhores microscopios não os revelem.

Não tardará a moderna nosologia a incluir no quadro da pathologia animada certos estados morbidos como a cachexia palustre e a tuberculose pulmonar, certas febres, certas molestias discrasicas agudas, assim como as molestias zymoticas, as infectuosas e as contagiosas.

Pelos recentes estudos feitos em 1881 pelo Dr. Alberto Neisser, professor addido da Universidade de Leipzig, publica-

dos em traducção pela *Gazeta Medica* da Bahia (n. 2 — Agosto de 1881), a lepra deve ser incluída entre as molestias incontestavelmente parasitarias, devida a cogumelos pathogeneos.

Em todos os casos observados Neisser encontrou os bacillos no interior das grandes e redondas cellulas da lepra. Achou-os nas differentes phases da doença, assim como nos tuberculos da pelle, da mucosa da bocca, do véo palatino, da larynge, nas ueoplasias intercellulares dos nervos periphericos, da cornea, das cartilagens e do testiculo, e até nas glandulas lymphaticas, no baço e no figado. Não os encontrou na medulla espinhal nem nos musculos.

O Dr. Gaucher diz em uma nota lida á Sociedade de Biologia de Pariz, em 10 de Dezembro de 1880, haver reconhecido a infecção parasitaria do sangue dos leprosos. (*Gazette médicale de Paris* — 18 Décembre 1880.)

Os veterinarios tem tambem verificado a presença de vegetaes parasitas nas affecções cutaneas dos mammiferos, bem como no mormo, essa doença gravissima que ataca principalmente o gado cavallar e asinino e que transmite-se tambem ao homem por infecção, sem que comtudo n'elle se desenvolva espontaneamente.

Tem-se encontrado igualmente cogumelos nòs pulmões dos passaros.

Ha umas endemias singulares, que se mostram limitadas e como que estreitamente encurraladas senão sobre um só e unico ponto do mappamundi, pelo menos rarissimas vezes observadas em outras regiões, como por exemplo — o botão de Alep ou de Bagdad, — a boubá, — o radesyge, — a pelagra, — a plica poloneza, que apezar dos numerosos trabalhos sobre cada uma d'essas endemias, acham-se ainda envoltas em duvidas em relação á etiologia e á pathogenia. É possivel que futuramente se possa reconhecer em taes endemias uma origem parasitaria, submettidas aos estudos microscopicos, que tanto tem feito recuar o mysterio em que envolvem-se alguns estados morbidos. A verdade é que as influencias topographicas e ethnologicas,

invocadas pelos pathologistas a respeito d'estas endemias, nada explicam.

Por enquanto as epidemias nascem e desaparecem sem se saber como nem porque, a prophylaxia e o tratamento partilham das mesmas obscuridades e incertezas que occultam a natureza das molestias epidemicas.

As pesquisas intentadas com o fim de determinar a séde anatomica, a alteração dos humores só tem dado resultados pouco importantes, pouco satisfatorios.

É difficil dizer-se em que consiste igualmente a immuniidade ou a aptidão para contrahir a molestia, comquanto uma e outra existam.

Apezar de todas as hypotheses imaginadas para conhecer a causa ou origem de uma epidemia, nada positivo e certo se sabe.

A este respeito exprimiam-se com a maxima franqueza o Dr. Caizergues, professor de clinica medica da Faculdade de Montpellier, quando, a proposito de uma epidemia, que reinou em 1839 na cidade de Montpellier, diz: « Cet aveu de notre « ignorance est plus près de la vérité que toutes les hypothèses « que l'on a créés pour rendre raison de maladies épidémiques. « Les hypothèses en supposant connues les causes des phénomènes, nous empêchent de nous livrer aux recherches ultérieures, « indispensables pour découvrir le véritable rapport de la succession des phénomènes. La doute philosophique, au contraire, ne « préjugeant rien sur la solution des problèmes proposés, ouvre « la plus vaste carrière à nos investigations. »

As pesquisas modernas tendem a mostrar que entes vivos microscopicos, qualquer que seja o seu nome, se associam ás doenças contagiosas, infectuosas e miasmaticas, e que essas doenças nunca se desenvolvem sem a presença do germen especifico.

Sendo os miasmas entes vivos, cujos germens espalham-se no ar, a marcha das epidemias torna-se tão facil de ser explicada como a fecundação das plantas dioicas em grande distancia pelo pollen levado pelo vento.

A medida que a sciencia progride, as doutrinas tambem mudam.

A theoria dos germens explica ao menos melhor, como nenhuma outra hypothese o fez, o apparecimento, a transmissão e a marcha das epidemias pestilenciaes.

Nenhum mal pôde advir, antes bem, da adopção, embora provisoria, da theoria dos germens.

Em relação á pathogenia de certos estados morbidos não ha progresso que se compare com as grandes descobertas recentes. O estudo desta questão, isto é, se os organismos microscopicos são a causa especifica das epidemias, ou a causa occasional, determinante, occulta dellas, offerece vasto campo para a mais sublime ambição scientifica e para a mais ardente philanthropia.

As epidemias propõem á philosophia medica os mais difficeis e elevados problemas que possam tentar o espirito investigador do medico. Que maravilhosos e inspirados descobrimentos não esperam os futuros investigadores guiados pela observação clinica, pelo exame necropsico, pela physiologia experimental, pela microscopia!

Felizmente parece chegado o tempo de dizer-se:

Nova rerum nascitur ordo.

(Continúa.)

PATHOLOGIA INTERTROPICAL

ETIOLOGIA DA FEBRE AMARELLA

Pelo Sr. Dr. CARMONA (1)

Professor de clinica medica do Mexico

As leções que sobre este importante assumpto fez o professor Carmona, do Mexico, publicadas em varios jornaes medicos do Mexico e na *Chronica medico-quirurgica de la Habana*, offerecem extremo interesse aos que, como nós, se acham frequentemente a braços com a terrivel febre. Além de tudo, a descoberta feita pelo mesmo professor de um cogumelo (*peronospora lutea*), a que attribue a molestia, deve attrahir para similhante trabalho a attenção dos nossos collegas.

Estas rasões nos levaram a resumir em um só artigo o contexto de tão originaes leções do professor mexicano.

O Dr. Carmona divide o seu trabalho em tres capitulos: no primeiro occupa-se dos diversos elementos que encontram-se disseminados no organismo, e de suas fórmas especiaes, podendo servir-se destes dados como elementos de diagnostico; no segundó occupa-se do modo de desenvolvimento e da classificação do *cogumelo*; e, finalmente, no ultimo, do resultado das inoculações nos animaès, e de suas consequencias.

I

O Dr. Carmona, examinando o sangue, as urinas e as materias vomitadas por individuos affectados de febre amarella, encontrou sempre os mesmos elementos. Os mais generalisados, que não teem faltado em nenhum dos liquidos examinados, teem sido pequenas granulações, cujos detalhes não se pode estudar, ainda mesmo com um augmento de 1.500

(1) Transcripto da *União Medica*.

diametros, por isso que seu diametro é apenas de um millesimo de millimetro, medida que o auctor toma para unidade, representando-a por uma letra grega, como é corrente em micrographia. Estas existem em grande numero, são ovoides, amarelladas, de limites pouco marcados, filamentosas, com tendencia a unirem-se, principalmente por suas extremidades, tomando cada par a fórma de um coração de carta de jogar, simulando a da prostata. São susceptiveis de crescimento, desenvolvendo-se em corpos esphericos amarellos, uniformes, até tornarem-se de oito a dez vezes maiores que as primitivas granulações, cujo diametro oscilla entre 5 e 12 mm. Estas volumosas granulações, que primeiramente chamaram-lhe a attenção para as urinas, foram depois encontradas no tecido conjunctivo, na serosidade dos causticos, bem como em outros pontos do organismo. Ellas desenvolvem tubos de mycelio, que ás vezes rodeiam-se de substancia protoplasmica.

Os tubos de mycelio, de tamanho e coloração perfeitamente distinguiveis, abundam nas urinas. Alguns occupam o campo da preparação; outros são menores, e muitos são apenas fragmentos. Uns apresentam um aspecto celluloso; outros são amarellós, gordurosos; alguns vermelhos; outros verdes, e raras vezes azues. Seu diametro varia desde 2 até 200. Frequentemente encontram-se cellulas de aspecto gorduroso, ora vasias, ora cheias de uma substancia granulosa, vermelha ou amarellada, e agglomeradas. Em summa, nas mesmas urinas encontram-se corpos negros, de fórmas e dimensões differentes, ora esphericos, ora ovoides, ora alargados como um tubo mycelial carbonisado. Estes elementos teem sido encontrados em todos os doentes de febre amarella. Sua abundancia é proporcional á intensidade da enfermidade, e constitue um dado precioso para o diagnostico.

Importa conhecer as modificações que com o tempo experimentam estes elementos: á medida que os dias se passam e a urina evapora-se, vê-se grãnde numero de granulações elementares, como pontos amarellos, de aspecto granuloso, que

desenvolvem-se e transformam-se em cellulas esphericas, amarelladas, que na immensa maioria dos casos vão envolvendo-se em uma substancia fluida, amarellada, egual á que contem em seu interior, formando-se lagos desta substancia protoplasmica, na qual nadam cellulas primitivas, em cuja circumferencia nascem pequenas elevações, que se transformam em tubos myceliaes. Estes desenvolvem-se de frequencia nos bordos do vidro que os cobre.

Tanto as granulações como as cellulas tendem a collocar-se umas após outras, construindo filamentos. Nos lagos protoplasmicos apparecem crystaes, que simulam cholesterina ou acido hypurico, ou agulhas de tyrosina, grupada em fórma espherica ou em cruzees irregulares.

Nas materias vomitadas, brancas ou amarello-esverdeadas, encontram-se elementos eguaes aos que são observados na urina. Ahi abundam egualmente os tubos de mycelio volumosos e desenvolvidos, em alguns casos cellulares, ovoides, que, por seu aspecto, pareciam ser os do fermento alcoolico, descripto por Pasteur. Em uma porção de vomito negro typico, foram encontrados elementos cellulares, que pareciam globulos sanguineos alterados. O sedimento negro era constituido por tubos myceliaes ennegrecidos e corpos totalmente negros. Não faltavam tubos amarellos ou verde-escuros, nem granulações elementares.

Essa porção de vomito, que o Dr. Carmona recebeu de Vera Cruz, era formada por um liquido violaceo, tendo coalhos no fundo. O microscopio não revelava a existencia de um só globulo sanguineo. Ao envez disso, encontravam-se milhares de granulações elementares, dotadas de rapido movimento, adherentes, formando estrellas. Encontraram-se muitos corpos violaceos e alguns tubos.

Examinadas as preparações no dia seguinte, foram encontrados agglomerados os bordos da materia corante do sangue, cujo campo era sulcado em differentes direcções por pequenos

tubos amarellados, desenvolvidos á custa das granulações elementbres.

II

Abandonada uma pequena quantidade de urina á evaporação espontanea, ella concentra-se, e, em poucos dias, encontra-se um residuo amarello-avermelhado. Este deseca-se, porém facilmente absorve a humidade da atmospherá, adquirindo uma consistencia semi-fluida; examinado ao microscopio, parece formado pela substancia protoplasmatica, já estudada, e apresenta o aspecto de granulações esphericas, amarelladas de tubos myceliaes, de *crystaes de cholesterina* ou *tyrosina*. Repetindo-se este exame, com intervallo de alguns dias, observou-se o crescimento das granulações, augmento dos mycelios, tomando o conjuncto, visto por alguns de seus diametros, a configuração de uma custodia. As vesiculas, em pleno periodo de maturidade, attingem um diametro de 10 a 20 mm., tomam uma cor amarella-escura e um aspecto granuloso. As dilatações organicas parecem formadas por um conjuncto de tubos conicos, em cujo interior observam-se algumas cellulas que, collocando-se umas após outras, crescem, amadurecem e tornam-se granulosas. Os oogonos maduros teem desde 30 até 60 mm.

Algumas cellulas primitivas, das quaes originaram-se as granulações, esvasiaram-se totalmente, tomando o aspecto celluloso; outras conservaram-se cheias ou semi-cheias, perdendo neste caso sua coloração primitiva. As porções do cogumelo desprendidas de seu *substractum* marchetam-se e ennegrecem, como tambem torna-se negra a substancia contida nos mycelios, nas cellulas, nas laminas de protoplasma e demais elementos que o formam.

É notavel a singular coincidência de encontrarem-se neste cogumelo, desenvolvido em um copo, todos os elementos que existem nos diversos liquidos procedentes de individuos affectados de febre amarella, a saber: as granulações primitivas, *zoosporos*; as cellulas vasias e os corpos avermelhados, ver-

verdadeiros *zoosporangios*; mycelios com igual coloração, aspecto e forma que os já descriptos na urina; e finalmente os *oogonos*, as cellulas e os mycelios ennegrecidos, eguaes aos encontrados no vomito negro caracteristico.

Segundo a classificação dos cogumelos, dada por Bertillou no artigo «champignon» do Diccionario Encyclopedico de Sciencias medicas, e considerando que este *cogumelo* é formado por filamentos tubulosos, em cuja superficie desenvolvem-se os esporos que transformam-se em vegetaes vivos, produzindo *zoosporos* e *oosporos*, deve-se collocal-o no grupo dos *asacordeos*, ordem dos *nemateos*, sub-ordem *endosporeos*, familia dos *peronosporos*, e, como gerador da febre amarella, convem-lhe o adjectivo latino *luteus*; pelo que propõe o auctor se lhe chame *Peronospora lutea*.

III

O cogumelo desenvolvido no corpo, e que serviu para a classificação, é devido certamente aos *esporos* contidos nas urinas de individuos affectados de febre amarella. Tem-se indicado tambem que nesta nova planta, encontram-se reunidos todos os elementos que o auctor viu disseminados em toda a economia daquelles doentes.

Assim, tem-se encontrado: no sangue *zoosporos* e mycelios; nos vomitos biliosos, *mycelios*, *zoosporos* e *esporos*; nos vomitos negros, *zoosporos*, *esporos*, corpos vermelhos e grandes quantidades de pequenos *saccos zoosporangiaes*, perfeitamente vãos e escuros; na urina, todos os elementos reunidos; na serosidade e tecido conjunctivo, grupos de *esporos*, ultimo termo dos *zoosporos*.

No figado vêem-se: nos vasos sanguineos depositos de substancia protoplasmica, granulosa e amarellada; no tecido, depositos de esporos envelhecidos, tubos myceliaes, cheios. Dahi infere-se que o cogumelo já descripto existe generalisado em toda a economia.

O Dr. Freire, do Rio de Janeiro, que julga ver no salicylato de soda um poderoso parasiticida, baseado em que uma gotta de solução de 40 centigrammas deste sal, em 70 grammas de agua, destróe as cellulas contidas em uma porção de substancias expellidas pelos vomitos, grandes cellulas, por elle denominadas *criptococcus*, ás quaes suppõe movimentos proprios e reproducção sexual, e cujos verdadeiros *esporos* elle demonstrou, propõe-se a tratar a febre amarella por meio de injecções hypodermicas de salicylato de soda, assegurando que se o medicamento não é infallivel tem-lhe dado satisfactorios resultados, ao menos durante a unica epidemia em que pode ensaiar-o.

Outros praticos apresentam, como infallivel, o acido phenico e seus derivados, no tratamento da molestia em questão.

Tratada a urina de um coelho inoculado, no qual abundavam os *zoosporos*, desenvolvidos e dotados de movimentos mui activos, por uma solução de salicylato de soda a 1 por 100, obteve-se antes a disecção do liquido do que a morte dos *zoosporos*. Tratada por uma solução de acido phenico, a meio por cento, o effeito parasiticida foi manifesto. Muitos zoosporos perderam seu movimento, ainda que a maioria destas granações permanecessem vivas. Assim, pois, apesar da superioridade do acido phenico sobre o salicylato de soda, não é de esperar-se possa elle destruir todos os germens que desenvolvem-se nos doentes de febre amarella.

Avaliando apenas em quatro kilogrammas a quantidade de sangue do doente, ser-lhe-ia necessario ingerir de uma só vez 20 grammas de salicylato de soda, ou 10 grammas de acido phenico, para que estivesse a meio por cento em toda a massa do liquido vivificador.

Poderia, porém, o organismo supportar semelhantes doses, sem experimentar de ordens consideraveis? Não parece crível. Um grande numero de zoosporos conservam-se vivos, pelo que pouco se deve esperar do emprego de taes substancias no

tratamento da febre amarella, tendo em vista somente sua acção parasiticida.

As inoculações em animaes teem sido feitas: 1º, com urina ou materias vomitadas, por meio de injeções hypodermicas; 2º, com substancia protoplasmica, impregnada do cogumelo, desenvolvido artificialmente; 3º, com este mesmo cogumelo, macerado em agua distillada; 4º, com o mesmo cogumelo, depositado sobre uma ferida com perda de substancia. Em todos esses casos, teem-se reproduzido o cogumelo sem differença alguma, e a urina tem contido, em todos elles, os elementos assignalados nos doentes, ainda mesmo dois mezes depois da inoculação. Inoculando-se em um coelho um centimetro cubico de urina de uma mulher convalescente de febre amarella, que continha grande quantidade de zoosporos e esporos, a temperatura do animal augmenta dois graos, declinando progressivamente o calor. Repetida a operação, a temperatura subiu a 40º,8, descendo depois pouco a pouco. A urina deste animal apresentou os elementos proprios da febre amarella.

Inoculou-se a urina deste coelho em um outro, igualmente vigoroso, e a temperatura que era de 38º,6 subiu á 39º,4 decrescendo em seguida. Depois da inoculação, a urina continha corpos vermelhos em abundancia e milhares de esporos volumosos. Inoculando-se em um porco da India materias vomitadas, chegou-se ao mesmo resultado: elevação de dois a dois e meio desde os primeiros momentos, mantida com ligeiras variações durante um ou dois dias, declinando rapidamente depois. Um coelho, no qual inoculou-se maior quantidade de urina, fazendo-se repetidas inoculações, morreu no terceiro dia, depois de haver o thermometro marcado 40º 3.

Como contraprova fez-se a inoculação de um centimetro cubico de urina normal em plena putrefacção, em dois porcos da India. A temperatura elevou-se um pouco, mas o augmento cessou com rapidez, contrariamente do que se havia observado nos casos anteriores.

Em um outro coelho que estava sob a influencia do cogumelo

(*peronospora lutea*), inoculou-se a mesma urina, em egual quantidade e fórma que a empregada no que havia morrido. A temperatura subiu a 40º,3, mantendo-se com ligeiras variações tres ou quatro dias, e declinando depois. Este facto indica que este animal poude supportar tão excessivas quantidades do liquido inoculado, porque achava-se impressionado pelo cogumelo.

Dahi as perguntas que faz o Dr. Carmona, por que razão certas molestias atacam somente uma vez na vida? Por que certos virus tornam immunes os individuos que são com elles innoculados? Ainda que sem plausivel explicação, é todavia, uma verdade demonstrada que o typho, a variola, o sarampão, a esscarlatina, etc., não atacam mais áquelle que já uma vez pagou-lhe seu tributo, isto é, o que já foi inoculado. A difficuldade de explicar-se até agora estas questões é devida á falta de conhecimentos da natureza intima do virus, e portanto de suas prosperidades e modo particular de ser, embora já se conheça hoje o elemento productor da febre, e se possa estudal-o com attenção, variar e multiplicar as experiencias, e reconhecêl-o em qualquer parte onde elle se occulte.

Alguns factos podem esclarecer tambem esta obscura questão. Assim, na urina de uma mulher em convalescença da febre amarella, havia tres semanas, foram encontrados elementos do cogumelo. Fazendo-se inoculações com tal urina, obtinha-se augmento de temperatura, movimento febril e reproducção do cogumelo. Dahi deduz-se que este pode existir na economia durante tres semanas sem determinar accidentes.

Os animaes inoculados, dous mezes e meio depois, expellem grande quantidade de zoosporos em suas urinas.

O Dr. Garmendia fôra acommettido de febre amarella, havia tres ou quatro annos. Pois bem, examinadas as suas urinas, nellas foram encontrados os elementos da *peronospora lutea*. Analogo phenomeno observou-se em outro individuo, que havia sido affectado do mesmo mal havia 16 annos.

De tudo o que vae dito conclue-se que o cogumelo pode existir

sem alterar a saude, e que os symptomas graves, mortaes mesmo, somente produzem-se nos primeiros dias de sua penetração na economia. Uma febre mais ou menos intensa, á qual dá-se o nome de *febre de acclimação*, é bastante para que o individuo torne-se immune á febre amarella, o que pode explicar-se appellando-se para o modo por que o cogumelo apodera-se da economia.

Proseguindo nas experiencias, introduziu-se com uma lanceta substancia protoplasmica, impregnada de materia pulverulenta deste cryptogamma, debaixo da pelle do ventre de uma porca da India. A temperatura elevou-se a um grau. A elevação manteve-se durante dous dias. Declinando depois, o animal passou bem, e expelliu elementos proprios do cogumelo. O signal de inoculação desapareceu no primeiro dia.

Repetida a mesma experiencia em outros animaes, bem que augmentando-se o numero de inoculações, os resultados foram identicos aos obtidos com a injeção hypodermica do cogumelo macerado em agua distillada.

A inoculação do cogumelo com liquidos em putrefacção, produz accidentes graves, e até mesmo a morte, accidentes que, é provavel, não dependem exclusivamente da penetração de substancias putridas.

Finalmente, inoculando o cogumelo em plena vitalidade em uma ferida em contacto com o ar, determina-se uma febre muito mais alta do que quando o cogumelo desenvolve-se suavemente no tecido cellular, em cujo caso parece reproduzir-se sem prejudicar á economia. É de crer, pois, que a gravidade dos symptomas da febre amarella dependa do logar e de modo por que desenvolve-se o cogumelo. Assim os symptomas gastricos graves dependeriam de que o germen do cogumelo, levado pelo ar, de envolta com a agua e alimentos, chega ao estomago, ou desenvolve-se, em contacto com os gazes gastricos.

Temos conquistado um facto, e um facto de grande valor, diz o Dr. Carmona: «a inoculação do cogumelo no tecido cellular, ao abrigo do ar, é completamente inoffensiva. Con-

seguintemente, podemos utilisarmo-nos deste meio, como nos servimos da vaccina para evitar a variola. Aos que viajam á *costa*, ou aos estrangeiros que a ella chegam, façase-lhes uma injeção subcutanea com a *peronospora lutea* macerada em agua distillada ».

Para corroborar a força destas experiencias, e para dissipar o receio de serem ellas applicadas ao homem, o Dr. Carmona injectou em si proprio o cogumelo macerado, debaixo da pelle do ventre. Acto continuo, sentiu ardor picante, passageiro, no lugar da punctura.

No dia seguinte, seus movimentos eram acompanhados de dor incommoda; havia abatimento de forças, e suores parciaes; a urinação havia diminuído, e a pequena quantidade de urina expellida era de um vermelho escuro. Não houve augmento notavel de temperatura. Veio o outro dia. Os phenomenos foram-se modificando. A dor tornou-se menos intensa, porem mais extensa. O abatimento de forças, ou mau estar, desappareceram. Nos dias subsequentes, cessaram os symptomas locais. A urina, porem, conservou signaes evidentes da generalisação do cogumelo.

Convicto o Dr. Carmona de que o meio proposto é tão inoffensivo para o homem, como para o animal, não vacilla em fazer a injeção prophylatica, e recommendal-a aos medicos.

As grandes vantagens que traz este trabalho para a humanidade, obriga-nos a chamar a illustrada attenção de nossos collegas para tão transcendental problema, pedindo-lhes cultivem e vulgarisem a inoculação do *peronospora lutea*, afim de ver se consegue-se diminuir o avultado numero de victimas, que faz constantemente este terrivel flagello, a que se denomina febre amarella.

CLIMATOLOGIA —

O CLIMA DA PROVINCIA DE S. PEDRO
DO RIO GRANDE DO SUL

N'um artigo recentemente publicado pela *Gazeta de Porto Alegre* achamos reunidas observações meteorologicas feitas em diversos pontos d'aquella provincia, e em diferentes epochas. A utilidade incontestavel que podem prestar á medicina estes dados nos induz a archivar nas paginas da *Gazeta* tudo quanto encontramos de mais importante relativamente á climatologia das differentes provincias do Brazil.

Transcrevendo pois este artigo estamos certo de prestar aos nossos leitores um bom serviço.

O clima da provincia do Rio Grande do Sul, que se assemelha ao da Italia do sul, é uma das grandes vantagens d'esta abençoada região e por isso será de interesse reproduzirmos aqui os dados que sobre o assumpto colheu o sabio Dr. Henry Lange.

O nosso clima é secco e subtropical com sensiveis contrastes de frio e calor.

A força das chuvas é na primavera e no outomno, de encontro á opinião muito propagada, que essa força se concentra no inverno.

A zona das chuvas de primavera e de outomno estende-se entre os grãos 28 a 35 de latitude meridional.

As observações meteorologicas de Buenos-Ayres (34° 35' 30" lat. mer.) e de Montevideo (34° 54' 15"), provam que a força das chuvas é em Setembro e Outubro (primavera) e em Abril e Maio (outomno).

Em nossa provincia cabe a força das chuvas nos mesmos

mezes, sendo de notar que quando o mez de Maio corre secco, costuma haver fortes chuvas em Julho e Agosto.

Em Santa Catharina já mudam as circumstancias, porque a vizinha provincia está collocada na zona das chuvas de inverno e verão.

Em Blumenau por exemplo (26° 55' 16" lat. mer.) cahem as chuvas mais fortes em Janeiro e em Outubro.

A temperatura corresponde em Santa Catharina tambem a esta differença, porque segundo as observações feitas em Blumenau, é a média annual de 21,5° Celsius, ao passo que n'esta provincia varia o médio entre 17 e 19 Celsius.

No livro do Dr. Henry Lange encontramos observações meteorologicas feitas em Taquary, Pelotas, Santa Cruz, Santo Antonio da Palmeira e em Nova Petropolis.

Em Taquary (29° 40' lat. mer.) é o médio annual 18,17 Cels., sendo a temperatura nas diversas estações a seguinte:

| | | |
|-----------|-------------------|--------|
| Verão | temperatura média | 23.7 |
| Outomno | » | » 19.4 |
| Inverno | » | » 14.1 |
| Primavera | » | » 17.3 |

Em Santa Cruz (29° 45' lat. mer.) é o médio annual da temperatura 19, 2 Cels. O mez mais quente é alli o mez de Fevereiro com o médio de 25, 3° C., o mais frio o mez de Julho com o médio de 12, 1° C.

O dia mais quente (em quatro annos de 1869 a 1873) foi no mez de Fevereiro com 35,0 C. e o mais frio (no mez de Julho) foi de 0,0.

Considerando-se o tempo, houve em termo médio no anno 209 dias claros, 47 nublados, 107 de chuva e 41 de tormentas.

Em Pelotas (31° 46' lat. mer.) é a temperatura média do anno 17,3 C.

O mez mais quente é em Pelotas o mez de Janeiro com um médio de 24,41, o mais frio o Junho com o médio de 9,3.

O dia mais quente foi no anno de 1875 em Janeiro com 37,5 Cels. o mais frio em Junho com 0,5 C.

No mesmo anno houve 83 dias de chuva, 45 claros, 43 nublados e 33 com tormentas.

Em Santo Antonio da Palmeira (97°54 lat. mer.) é o médio annual 18,0 C.

Os mezes mais quentes (no anno de 1879) foram alli, Outubro e Novembro com o médio de 34 C, o mais frio o Junho com o medio de -1.

Em Nova Petropolis (26° 48 lat. mer.) e o médio annual 19° Cels.

O mez mais quente é Fevereiro com o médio de 23,4 C., o mais frio Setembro com o médio de 14,5.

O dia mais quente no respectivo anno foi em Dezembro com 26,8 e o mais frio em Junho com 5,9 Cels.

De todos os climas que acima mencionamos é, pois, o de Nova Petropolis o mais temperado, porque o calor não excede alli a 26 Cels. e o frio não baixa de 5° Cels., ao passo que em Cima da Serra vimos variar o clima entre 34 e -1 e em Pelotas entre 37 C. e 0 C.

Infelizmente é tudo quanto existe publicado de observações meteorologicas feitas na provincia.

As observações em Santa Cruz e Palmeira foram feitas pelo Sr. Dr. Maximiliano Beschoren, as de Pelotas pelo Sr. Adolfo Voigt, e as de Nova Petropolis pelo Sr. Dr. Frederico Heinssen, tendo todas sido publicadas no jornal allemão desta capital.

Parece que a estação telegraphica do Rio Grande faz tambem observações meteorologicas, mas são publicadas diariamente e não nos consta que hajam sido resumidas em tabellas annuaes, o que entretanto é o mais necessario. Ao menos não existe publicado senão o resumo diario.

O assumpto é mais importante do que parece á primeira vista, e é quasi incomprehensivel que a capital, que possui uma directoria geral de obras publicas, não tenha a consignar observações meteorologicas.

Fizeram-se taes observações em pequenas localidades do interior, mas sobre o clima de Porto Alegre nada existe.

Entretanto seria de grande importancia, ao menos para a questão da emigração, haver constantes observações, que de bom grado transmittiriamos ás revistas meteorologicas que se publicam na Europa.

O governo ordenou que na repartição das obras publicas se fizessem regulares observações meteorologicas.

Tres ou quatro thermometros (Celsius, de maxima e minima) e um pluviometro (apparelho simplicissimo) bastariam para o effeito.

Tratando-se de uma repartição publica, podiam as observações ser feitas ás 9 horas da manhã e ás 3 horas da tarde, que seria plenamente sufficiente para o fim que se tem em vista.

Os resumos mensaes e os annuaes podiam ser communicados ás folhas diarias, que com prazer os publicariam, prestando-se assim um importante serviço á sciencia.

Sem sacrificio algum e com maxima facilidade pôde ser realizada uma permanente observação meterologica na repartição de obras publicas; e o estrangeiro que visita Porto Alegre não mais estranharia a falta de taes observações na capital de uma importante provincia, cujo futuro depende em grande parte da immigração, para qual é de immenso valor a questão do clima. »

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

DOIS CASOS DE INTOXICAÇÃO PELO ACIDO PHENICO, por M. Springer, externo dos hospitaes — A 2 de Janeiro de 1882, no hospital Lariboisiere, na clinica do professor Bouchard, sala Saint-Landry, ministrou-se a dois doentes, ambos atacados de febre typhoide, em vez do clister prescripto pelo chefe de serviço que continha 50 centigrammas de acido phenico, um outro continho 60 grammas da solução seguinte :

| | |
|--------------------|---|
| Acido phenico..... | 4 |
| Alcool..... | 1 |

M. Bouchard calculou, tomando em conta as diferentes causas da perda d'uma certa quantidade de liquido, que podia avaliar se em 48 grammas a quantidade de acido phenico injectado, em solução de 96 por 1000. Os doentes são os ns. 4 e 9 da sala Saint-Landry. O n. 4 tem trinta e oito annos; é enfermeiro. Tendo entrado no hospital a 17 de Dezembro de 1881, está agora no 33º dia da sua molestia, que tem seguido o seu curso sem mais complicação do que a presença d'uma grande quantidade de albumina retractil na urina, a qual foi observada no 17º dia da molestia, dia em que elle entrou no hospital: no 1º de Janeiro a sua urina apresentava apenas alguns traços de albumina que não parecia retractil. Na vespera do accidente o enfermo ia indo regularmente; no 1º de Janeiro de 1882, á noite, a sua temperatura era de 37º,5; a alimentação consistia apenas em caldos. O n. 9 tem quatorze annos, e é empregado dos telegraphos. Entrou no hospital em 22 de Dezembro de 1881; está pois no 16º dia de molestia. Tem manchas rosadas lenticulares pelo corpo, e uma erupção de sudamina. No dia da entrada a sua urina apresentava albumina não retractil. A 26 de Dezembro a albumina persiste e torna-se retractil. As temperaturas da noite, nos tres dias que precederam o accidente, foram: 40º,2, 39º,9, 39º,8.

No dia 2 de Janeiro, ás sete horas e meia da manhã, deu-se primeiro um clister ao n. 4. No momento da ministração o doente não manifesta dôr alguma, e conserva-o.

Immediatamente depois, dá-se o clister ao n. 9.

Este queixa-se logo de dôres no ventre. N'este momento o n. 4 solta gritos de dôr accusando soffrimentos violentos. No mesmo instante o n. 9 é accommettido pelas mesmas dôres: ambos elles gritam, queixam-se de colicas atrozes, e estorcem-se sobre os leitos. O enfermeiro corre a chamar M. Bourey, interno do serviço; quando este chega, vinte a vinte e cinco minutos, pouco mais ou menos, depois da ministração, encontra os dois doentes no mais profundo coma, e observa-lhes soluços; prescreve immediatamente grandes clisteres de agua e de glycerina.

O intestino não reage e conserva os clisteres. Introduce-se então no recto uma sonda adaptada á extremidade d'uma seringa de injecção, e esvazia-se o recto por aspiração. Esta operação é renovada muitas vezes.

Injecta-se successivamente quatro a cinco litros de agua, e deixa-se uma sonda no recto, que se esvazia assim por si mesmo.

As nove horas, isto é, uma hora e meia depois da injecção, toma-se a temperatura rectal dos dois doentes. O n. 4 apresenta 36° ; o n. 9, $35^{\circ},7$. O pulso do n. 4 está irregular, mas bastante forte; dá 104. Tem a respiração precipitada e a pelle coberta de um suor abundante.

O pulso do n. 9 está muito irregular e muito fraco; desaparece ás vezes durante tres ou quatro segundos: a respiração é muito precipitada: 54 respirações por minuto. Está todo banhado n'um suor ainda mais abundante que o do n. 4.

Os dois doentes estão mergulhados n'um profundo collapso.

As nove horas e meia, M. Bouchard manda fazer-lhes beber agua, a fim de favorecer a secreção da urina, por meio da qual se opéra a eliminação do acido phenico. No estado em que os doentes se acham, é impossivel fazer-lhes engulir seja o que for; recorre-se então ao aparelho de Faucher.

Introduzido o tubo de caoutchouc no esophago, lança-se no estomago um litro de agua. Meia hora depois prescreve-se uma injecção subcutanea de ether. Immediatamente depois produz-se uma reacção: os doentes sahem antes do seu estupor; abrem os olhos, executam movimentos, e não se queixam de dor alguma; a pressão exercida sobre o ventre não parece ser-lhes dolorosa. No entanto parecem abatidos, e não têm lembrança alguma do que se passou.

Tomam-se as temperaturas ás onze horas e meia; o n. 9 está a 36° , o n. 4 a $36^{\circ},3$; a temperatura elevou-se pois da mesma quantidade, $3/10$, em cada um d'elles. As tres horas da tarde o n. 4 sente arrepios que duram pouco mais ou menos duas horas. Queixa-se de uma grande sensação de frio. A tempera-

tura está a $36^{\circ},2$. Variou portanto apenas de $1/10$. As tres horas e meia tem abundantes vomitos esverdeados.

Quatro horas — temperatura $38^{\circ},7$, pulso 100. Tem uma grande tendencia para o somno ; não sente dores de cabeça nem de ventre. As seis horas da tarde a sua temperatura é de $41^{\circ},3$.

O n. 9 sente egualmente ás tres horas arrepios seguidos de suores muito abundantes ; não tem vomitos ; urinas raras e d'uma côr escura. Queixa-se de algumas dores de cabeça ; a pressão do ventre não lhes é dolorosa ; responde bem ás perguntas. Temperatura ás seis horas — $41^{\circ},8$.

Durante todo o dia deu-se aos dois doentes café.

Passaram uma noute bastante socegada. No dia seguinte a temperatura do n. 4. é de $37^{\circ},2$: a do n. 9 é de 38° e á noute de 37° . As urinas, normaes na quantidade, apresentam uma côr escura ; a reacção pelo perchlorureto de ferro dá a côr characteristica do acido phenico ; contem egualmente albumina, cuja proporção não differe da que foi observada antes da intoxicacão. O estado geral é melhor ; os doentes não sentem dôr alguma. A 4 de Janeiro o seu estado é muito bom ; o n. 9 vai mesmo muito melhor do que antes do accidente : a temperatura tornou-se normal. As urinas contem ainda acido phenico. A 5 de Janeiro os doentes não parece resentirem-se de modo algum da intoxicacão.

Comparando estas duas observacões, vê-se que, tendo sido injectadas as mesmas dôses e conservadas durante o mesmo tempo, os effeitos de intoxicacão desenvolvem-se paralellamente e com a mesma intensidade, apresentando exactamente os mesmos symptomas. Ora os dois doentes não estão nas mesmas condições ; o n. 4 é um homem de trinta e oito annos, e o n. 9 é um rapaz de quatorze annos, muito pouco desenvolvido para a sua idade. Além d'isso o n. 4 está no fim de sua febre typhoide no 33° dia, enquanto que o n. 9 está no 16° . Assim, pois, a despeito das differenças na resistencia do organismo resultante da idade e do periodo da molestia, *os effeitos são identicos.* Um outro ponto, digno de observar-se, é a rapidez da

absorção pela mucosa do intestino grosso. É evidente que é impossível avaliar, mesmo aproximadamente, a quantidade de acido phenico absorvida, poisque meia hora depois da injeção foram ministrados grandes clisteres.

Mas o que se deprehende claramente da observação, é que tendo-se produzido o coma vinte a vinte cinco minutos depois da injeção, se pode affirmar, que basta este curto espaço de tempo, para que uma dóse toxica de acido phenico seja absorvida pela mucosa intestinal. Vê-se pois *que a absorção intestinal é muito rapida*. Quanto aos effeitos causticos sobre a mucosa é impossível apreciar a sua extensão; mas elles existiram e manifestaram-se com uma grande energia, como o provam as dores atrozes sentidas pelos doentes immediatamente depois da injeção. É preciso comtudo considerar que ambos elles tomavam de duas em duas em duas horas uma colher de sopa d'uma mistura de carvão e glycerina, e que o intestino continha carvão em grande quantidade, como testemunhava a agua dos clisteres que sahia do recto carregada de carvão.

O carvão depositado nas paredes do intestino teve talvez um effeito protector, e impediu que os effeitos causticos fossem tão intensos como o seriam sem a sua presença. Além d'isso, depois do accidente, os doentes não tiveram dor alguma, nem no ventre, nem no recto; as suas fêzes não apresentaram nenhum traço de sangue nem de falsas membranas.

Os effeitos causticos foram pois ligeiros. Os effeitos geraes manifestaram-se sob as formas d'um collapso que durou quatro horas, acompanhado d'um afrouxamento na circulação, poisque o pulso estava fraco, depressivel, e muito irregular; respiração curta e accelerada; suores profusos; secreção de urina. nulla.

O ponto capital é a acção do acido phenico sobre a temperatura do corpo: este ponto é tanto mais interessante, quanto da sua solução podem depender applicações therapeuticas. Vemos primeiro que, sob a influencia da applicação do acido phenico, a temperatura do corpo desce no espaço de hora e meia a 35°, 7 e 36°.

Confirma-se assim o facto referido por todos os auctores — que o acido phenico abaixa a temperatura. Se esta tivesse persistido, os doentes teriam morrido dentro em pouco. Mas o que é importante notar-se é que, depois d'este minimo de temperatura, ella eleva-se gradualmente, para chegar, dez horas depois da absorpção, a 41°,3 e 41°,8. Logo, unicamente pelo facto da evolução da acção do acido phenico, a temperatura sobe extremamente alto. De sorte que, se se produz um abaixamento momentaneo, resulta na realidade um augmento consideravel. Poderia talvez attribuir-se esta elevação não á acção do acido phenico, mas a uma reacção da febre continua. Mas, se o n. 9 tinha na vespera do accidente uma temperatura elevada, de 40°,2, 39°,9, 39°,8, por outra parte o n. 4 não tinha já febre havia muitos dias, e observou-se *em ambos uma elevação de temperatura semelhante*.

Póde pois pensar-se que esta elevação é realmente devida á acção do acido phenico sobre o systema nervoso central. Quando a acção do acido phenico é sufficiente para determinar uma perturbação dos centros da calorificação, perturbação que se traduz por um abaixamento de temperatura de grau e meio *abaixo da temperatura normal do corpo*, esta acção é seguida d'uma reacção do organismo, que luta contra o resfriamento. A intensidade d'esta reacção varia, não só com o grau de abaixamento, mas ainda com o estado de meio do organismo, que reage mais ou menos segundo a sua vitalidade. Resulta d'ahi que esta reacção se manifesta por um movimento ascensional da temperatura, cujos centros moderadores se tornam impotentes. Assim se explica a temperatura, de 41°,3, e 41°,8 que apresentaram os dois doentes. Depois d'esta oscillação de cinco graus da temperatura central, o organismo retoma o seu equilibrio, e a temperatura torna-se moderada. Esta perturbação calorica não produziu pois um effeito desfavoravel, e a absorpção d'esta grande quantidade de acido phenico parece ter suspendido a evolução da molestia.

(*Revue mensuelle de médecine. — Coimbra Medica.*)

MEDICINA ANECDOTICA

INTERPRETAÇÃO AO PÉ DA LETRA

Conta-se que uma pessoa de uma familia hespanhola consultára em Cincinnati (Estados Unidos) um facultativo que gostava de usar nas suas receitas de termos technicos e linguagem apurada. A familia entendia alguma cousa o inglez, e dando o medico uma receitas de pilulas, em que dizia — « para tomar uma tres vezes por dia em qualquer vehiculo conveniente » — recorreu ao dictionario para entender o sentido da prescripção. Tudo foi bem até á palavra *vehiculo*. Para esta encontraram os equivalentes — carro, sege, carruagem, carroça, etc. Depois de grave e larga conferencia sobre o assumpto assentou-se que o doutor queria dizer, que o doente devia tomar as pilulas andandó de carruagem. Foi adoptada esta interpretação, e o doente achou-se perfeitamente bem, mas se por virtude das pilulas ou dos passeios a carro é o que a historia não diz.

A proposito de interpretação litteral, occorre-nos o seguinte caso succedido na pratica de um nosso amigo, e provavelmente não faltarão exemplos analogos, devidos á simplicidade e ignorancia de certa classe de doentes.

O collega deu a um preto africano uma receita que constava de um certo numero de papeis contendo pós medicinaes, e disse-lhe que tomasse um d'elles de cada vez de manhã e á tarde em meio calix d'agua.

Voltando o preto queixou-se de que se engasgara com os primeiros papeis, e que os ultimos só os podera engulir depois de os pôr de molho meia hora, por serem muito duros e seccos.

O pobre homem tomára os pós com papel e tudo!

CALAFETAR OS OLHOS

Uma preta africana apresentou-se á consulta de um collega nosso para lhe mostrar um filho de 10 a 12 mezes que soffria de conjunctivite catarrhal. O medico prescreveu um collyrio de sulfato de zinco, e recommendou á preta que molhasse no liquido um pouco de algodão cardado bem limpo, e o espremesse entre as palpebras do pequeno paciente.

No dia seguinte volta a mãe com o filho; a pobre criança tinha os olhos em misero estado; eram duas postas de sangue, esbugalhados, tumefactos, etc. Perguntando o medico a causa de tão subita peiora, respondeu a mãe, que puzera o algodão molhado no remedio nos olhos do filho, mas que não podendo elle (o algodão) ficar seguro alli, o empurrára quanto poudo com um palito, mas que nem assim conseguira fixal-o, porque a criança chorava muito.

Tinha calafetado horriavelmente os olhos do filho!

UMA LIÇÃO D'HISTORIA

É raro que um preto africano saiba dizer a sua idade; interrogal-os n'esse particular é quasi tempo perdido. Nas papeletas do hospital não é raro tambem encontrar o nome de um d'esses Mathusalens ethiopicos com 70 annos de idade, tendo sahido mezes antes com 80, e vice-versa.

Um dia encontrou um dos medicos do nosso hospital da Caridade na sua clinica um africano de grande estatura, que parecia ter vivido um seculo; a curiosidade levou-o a perguntar ao recém-chegado quantos annos tinha. A resposta foi a do costume:

— Não sabe, sinhó.

Para achar um termo de comparação, perguntou ainda o medico:

— Ora diga-me, você conheceu o conde dos Arcos?

Mas antes que o interpellado respondesse, interveio na conversação um creoulo lepido e espivitado que occupava o leito visinho, dizendo com todo o desembaraço:

— Sr. Doutor, este doente ainda não conhece ninguem aqui; chegou esta manhã....

NOTICIÁRIO

COLLAÇÃO DO GRÃO — No dia 16 do mez findo effectuou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina, com a costumada solemnidade, a cerimonia da collação do grão aos alumnos que terminaram este anno o curso medico.

Prestaram todos o juramento e receberam o grão perante a Congregação da Faculdade de Medicina, e em presença do Sr. Conselheiro Presidente da Provincia, diversas autoridades civis e militares, muitas distinctas senhoras, e grande concurso de pessoas de todas as classes.

N'essa occasião o Sr. Conselheiro Director da Faculdade proferiu um bem elaborado discurso, ao qual respondeu, em nome de seus collegas doutorandos, o orador eleito, Dr. Antonio da Cruz Cordeiro.

Eis os nomes dos jovens collegas que receberam o grão de doutores em medicina, e aos quaes desejamos todas as felicidades, no exercicio da nobre profissão a que vão dedicar-se :

Abilio Euzebio Vianna.
 Publico Constancio de Mello.
 Antonio Celestino dos Santos.
 Francisco Eloy Paraiso Jorge.
 Alipio Cardoso Fontes de Menezes.
 Salustio José Pereira Osorio.
 Antonio da Cruz Cordeiro.
 Lucio de Oliveira Bahia.
 Vespaziano de Aragão.
 Caetano da Rocha Cerqueira.
 Arthur Imbassahy.
 Henrique Imbassahy.
 Henrique Damazio.
 Domingos Alves Requião.
 Pedro Mendes de Carvalho.
 Francisco Joaquim Vieira.
 Francisco Gomes Leopoldo de Araujo.
 Manuel Francisco de Salles Teixeira.
 Reginaldo José Brandão.
 Eliziario Torres Bandeira.
 Eduardo Enedino Gomes.
 Manuel Carlos de Azevedo Ribeiro.
 Gaudencio de Souza Spinola.

João José de Oliveira Leite.
 José Maria Lima.
 Joaquim Climerio Dantas Bião.
 João Baptista Gonçalves.
 José Rodrigues da Costa Dorea.
 Luiz da França Carlos da Fonseca.
 Americo Teixeira Mendes.
 Ignacio de Amorim Antuterpio.
 Segismundo Garcez de Mendonça.
 José Carlos Gomes da Silva.
 Francisco de Assis Jorge Monteiro.
 Virgilio Chaves Florence.
 Antonio Martins Fontes.
 Thyrso de Assis Garrido.
 Arthur de Almeida Sebrão.
 Antonio Rodrigues da Cunha Mello.
 Candido Elpidio de Souza Figueiredo.
 Thomaz Martins Mendes.
 Augusto Cesar Rangel.
 Manuel Frederico Affonso de Carvalho.
 Fortunato Augusto da Silva.
 João Alves Carrilho.
 Fernando Ferreira da Costa.
 João Francisco Aives da Silva.
 Manuel de Sá Gordilho.
 Alvaro Augusto Carneiro de Leão.
 Francisco Bueno Soares Gouvêa.
 João Cancio de Alcantara.
 Francisco da Silveira Gouvêa.
 Jovino Jorge Carvalho.
 José de Araujo Matto Grosso.
 Angelo Borgés Leal de Menezes.
 José Joaquim Pereira.
 Pedro Luiz de Abreu e Silva.
 Valerio Aniceto de Souza.
 Fernão Alvaro Falcão Paim.
 Antonio Joaquim de Albuquerque.
 Lydio Pereira de Mesquita.
 Daniel Campos.
 Antonio Emygdio Ribeiro.
 Aloysio Mario Alvares dos Santos.

O BARÃO DE PETROPOLIS — No dia 30 de Novembro falleo na ilha Paquetá, na idade de 80 annos, o distincto medico brasileiro Dr. Manoel do Valladão Pimentel, Barão de Petropolis, grande do imperio, do Conselho de S. M. o Imperador,

Official-maior da Casa Imperial, medico honorario da Imperial Camara e particular de S. A. a princeza Imperial, commendador da ordem de Christo, official da Rosa, Lente jubilado da cadeira de Clinica Medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde exerceu por muito tempo, simultanea e gratuitamente, o cargo de Director, Membro do Instituto Historico e Geographico Brazileirc, e Membro Honorario da secção medica da Academia Imperial de Medicina.

Nasceu a 4 de Março de 1802. Destinava-se ao estado sacerdotal, para o qual se preparou; mas, não sentindo vocação para a vida ecclesiastica, matriculou-se na antiga escola militar de onde passou para a então escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro, cujo curso frequentou, sendo a sua vida academica uma serie ininterrompida de triumphos.

Em 1833 foi nomeado, por concurso, Lente da cadeira de Clinica Medica, que occupou até a sua jubilação, e na qual justificou o conceito de que gozava como ornamento da sua classe.

Ha muitos annos se tinha retirado da vida clinica, mas era sempre apontado como um dos vultos mais eminentes da medicina brazileira.

Com a morte do Barão de Petropolis, disse muito bem um dos mais conceituados orgãos da imprensa diaria, do qual extrahimos estas notas biographicas, — perde a sciencia medica brazileira um dos seus mais dedicados apostolos, o magisterio superior uma reliquia veneranda, e a patria um cidadão que soube honral-a pelo seu saber.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO — N'esta Faculdade foi conferido no dia 22 o grão de doutor em medicina aos seguintes Srs :

Luiz Augusto da Silva Brandão Junior, João Cypriano Carneiro, Lindolpho Ferreira Lage, Adeodato Pacifico de Oliveira Junior, José Romão Carneiro, José de Almeida Vergueiro, Augusto Cotrim Moreira de Carvalho, Antonio Candido de Assis Andrade, José Candido de Souza Vianna, Ovidio Laurentino de Souza Guimarães, Custodio José Ferreira Martins, Francisco Ferreira Rodrigues Netto, Manuel José da Cruz, Francisco Vieira Martins, José Vieira Martins, Severiano Martins de Oliveira Urculú, Manuel Gonçalves Barroso, Mathias Antonio Moinhos de Vilhena, Augusto Cesar Octaviano da Cruz e Joaquim Corrêa Dias, naturaes de Minas Geraes.

Ildfonso Archer de Castilho, Manuel Monteiro de Barros,

Francisco de Macedo, Antonio Francisco de Souza, Antonio Maria Teixeira, Homero Moretzsohn Campista, Francisco Betim Paes Leme, Bernardino de Almeida Senna Campos Junior, João José Ribeiro Junior, Henrique Ladislão de Souza Lopes, Carlos Gross, Oscar Sergio Rodrigues de Oliveira, Raul Capello Barroso, Zepherino Justino da Silva Meirelles, Manuel Pereira Cardoso Fontes, João Candido de Souza Fortes, Thomaz Delphino dos Santos, Eduardo Corrêa de Azevedo e Euzebio de Queiroz Carneiro Mattoso, naturaes do Rio de Janeiro.

Romualdo Romano Stepple da Silva, Carlos Buarque de Macedo, Joaquina Pinto Portella, Manuel Falcão de Azevedo, Adolpho Alves Simões Barbosa, Nereu Macario de Moraes Guerra, Rodolpho de Paula Lopes e Augusto Serafim da Silva, naturaes de Pernambuco.

José Cypriano Nunes Vieira, Alvaro Baptista, Protasio Antonio Alves, Cezar Augusto Pereira da Cunha e Carlos Augusto de Oliveira Duarte, naturaes do Rio Grande do Sul.

Affonso Pires Ramos, Antonio do Rego Travassôs, José Corrêa de Mello Bittencourt e João Avila de Almeida, naturaes de Sergipe.

Chateaubriand Bandeira de Mello, Antonio Rogerio de Gouvêa Freire e José da Silva Pires Ferreira, naturaes da Parahyba.

Arthur de Sá Earp e Manuel Joaquim Bahia, naturaes da Bahia.

Antonio de Carvalho Palhano e Domingos José Ferreira Valle, naturaes do Maranhão.

Gabriel Philadelpho Ferreira Lima, natural de Pariz.

Nicoláo Barbosa da Gama Cerqueira, natural de Goyaz.

Antonio Netto Caldeira, natural de S. Paulo.

Octaviano Coutinho Espindola, natural das Alagoas.

Antonio Gurgel da Costa Nogueira, natural do Ceará.

Antonio Joaquim da Silva Rosado, natural do Pará.

Na collação do gráo, o conselheiro Saboia, director da Faculdade, leu um discurso allusivo ao acto, sendo em seguida recitado outro pelo doutorando Thomaz Delphino dos Santos, que fôra commissionedo por seus collegas.

COMISSÃO Á EUROPA — A congregação da nossa Faculdade de Medicina reuniu-se para, em cumprimento do aviso do ministerio do Imperio de 25 de Novembro proximo passado, propor ao Governo Imperial o nome de um de seus membros que siga para a Europa em comissão scientifica, na fórma dos respectivos estatutos, recahindo a votação unanime no lente de medicina legal, Sr. Dr. Virgilio Damasio.

CONGREGAÇÃO DO ENCERRAMENTO — No dia 18 reuniu-se a congregação da Faculdade de Medicina para encerrar os trabalhos da Faculdade, e nomeou para escrever a memoria historica dos acontecimentos mais notaveis occorridos durante o anno de 1882 o lente de anatomia geral e pathologica Dr. Antonio Pacifico Pereira.

MINISTERIO DO IMPERIO — Por despacho de 25 de Novembro foi nomeado commendador da ordem da Rosa o Barão de Therezopolis, em attenção aos relevantes serviços que prestou ao Estado na qualidade de representante do Brazil no congresso internacional de Hygiene e Demographia que ultimamente se reuniu em Genebra.

— Por decreto n. 8735 de 18 de Novembro de 1882 foram fixados do seguinte modo os vencimentos do pessoal creado pelos §§ 3º e 6º do art. 2º da lei do orçamento n. 3,141 de 30 de Outubro ultimo, para o ensino pratico das Faculdades de Medicina do Imperio e para as respectivas secretarias e bibliothecas :

« Hei por bem de conformidade com o que dispõe o § 7º do art. 2º da lei do orçamento n. 3141 de 30 de Outubro ultimo, determinar que o pessoal creado pelos §§ 3º e 6º do mesmo artigo, para o ensino pratico nas Faculdades de Medicina do Imperio e para as respectivas secretarias e bibliothecas, perceba os vencimentos constantes da tabella que com este baixa.

Pedro Leão Velloso, do meu Conselho, Senador do Imperio, ministro e secretario do Estado dos negocios do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro, em 18 de Novembro de 1882, 60.º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de Sua Magestade o Imperador.

Pedro Leão Velloso.

TABELLA A QUE SE REFERE O DECRETO N. 8735 DE 18 DE NOVEMBRO DE 1882

| PESSOAL | VENCIMENTO ANNUAL | | |
|--------------------------|-------------------|--------------|------------|
| | Ordenado | Gratificação | Total |
| Assistente Interno | 1:600\$000 | 800\$000 | 2:400\$000 |
| Preparador | 1:600\$000 | 800\$000 | 2:400\$000 |
| Ajudante | | 480\$000 | 480\$000 |
| Conservador | 660\$000 | 340\$000 | 1:000\$000 |
| Secretario | 3:200\$000 | 1:600\$000 | 4:800\$000 |
| Sub-secretario | 2:133\$336 | 1:066\$664 | 3:200\$000 |
| Amanuense | 1:230\$000 | 370\$000 | 1:600\$000 |
| Porteiro | 1:333\$336 | 666\$664 | 2:000\$000 |
| Bedel | 800\$000 | 400\$000 | 1:200\$000 |
| Continuo | 666\$666 | 333\$334 | 1:000\$000 |
| Bibliothecario | 2:133\$336 | 1:066\$000 | 3:200\$000 |
| Ajudante | 1:600\$000 | 800\$000 | 2:400\$000 |

Palacio do Rio de Janeiro, em 18 de Novembro de 1882.—
Pedro Leão Velloso.

INSCRIÇÃO PARA CONCURSO — No dia 12 encerrou-se na Faculdade de Medicina a inscrição para o concurso a um logar de lente substituto da secção de sciencias accessorias, sendo julgados habilitados na forma do art. 66 dos estatutos os Srs.Drs. Josino Corrêa Côtias, Sebastião Cardoso e Eutychio Soledade.

NECROLOGIO — Sepultou-se no dia 27 de Novembro o Dr. Henrique de Moraes Garcez. O finado formou-se em medicina no Rio de Janeiro. Occupou logar mui saliente no professorado da instrucção primaria e era dotado de grande intelligencia, que ultimamente parecia um pouco obliterada. Contava 50 annos de idade.

— Falleceu no Rio de Janeiro no dia 15 de Dezembro, após prolongados soffrimentos o Dr. Luiz Bandeira de Gouveia, formado em 1853.

Durante a epidemia do cholera-morbus prestou assignalados serviços da sua profissão, que lhe valeram o habito da Rosa. Nomeado 1º cirurgião do hospital militar da Córte, durante a guerra do Paraguay, foi ainda pelos seus serviços medicos condecorado com o officialato da Rosa.

— Falleceu no Rio de Janeiro em 15 de Novembro o Dr. José Maria de Souza Fernandes, cirurgião-mór de brigada do exercito. Havia servido durante a guerra do Paraguay e era condecorado com o officialato da Rosa e cavalleiro de S. Bento de Aviz. Nasceu no Rio de Janeiro e formara-s na Escola de Medicina da Córte.

NECROLOGIO MEDICO DE 1881— No anno de 1881 perdeu a sciencia e a classe medica as seguintes notabilidades :

Em 2 de Fevereiro o Dr. Eugène Deroubaix em Bruxellas, autor de obras importantes, especialmente sobre gynecologia.

Em 23 de Fevereiro o cirurgião militar, George Alex Otis, em Washington, autor da historia medico-cirurgica da guerra americana da secessão.

Em 25 de Fevereiro, em Heidelberg, o Professor Dr. Wilh. Lange, com 68 annos d'idade.

Em 4 de Março, em Pariz, o celebre chimico E. Pelouze.

Em 14 de Abril, em Berlim, o Prof. Dr. Ludwig Waldenburg, medico na Charité, com 44 annos.

Em 25 de Março, em Vienna, o Prof. Richard L. Heschl, successor em 1875 do celebre professor Rokitansky, com 57 annos d'idade.

Em 2 de Julho, em Pariz, o Senador Max Paul Emile Littré.

Em 13 de Junho, em Vienna, Joseph Skoda, ex-professor de clinica medica, com 76 annos d'idade.

Em 23 de Junho o Prof. Dr. Mathias Jacob Schleiden, com 77 annos.

Em 1 de Julho, em Boulogne sur Seine, o clinico Etienne Sainte Claire Deville, membro do Instituto de França, com 63 annos.

Em Julho o Dr. Mandl, em Pariz, celebre especialista de molestias da larynge.

Em Julho, em Pariz, o Dr. Maurice Raynaud, agregé da Faculdade de Pariz, e medico na Charité, com 50 annos d'idade.

Em 9 de Agosto, em Bresláo, o Conselheiro Dr. Ottó Spiegelberg, Professor de obstetricia, com 51 annos.

Em 13 de Agosto, em Vignola (Modena), o Prof. Francesco Selmi.

Em 26 de Agosto, o Dr. Oscar Schuppel, Professor de Anatomia Pathologica em Tubingen, com 44 annos d'idade.

Em 25 de Setembro, o Prof. Schutzenberger, em Strasburgo, ex-director da clinica medica, com 71 annos.

Em 19 de Outubro, em Pariz, o Dr. Houel, conservador do Muséo Dupuytren.

Em 29 de Outubro, em Pariz, o Dr. J. Bouillaud, ex-professor da Faculdade, e medico da Pitié, com 84 annos.

Em 24 de Novembro, em Bonn, o Dr. Wilh. Busch, Prof. de cirurgia, com 55 annos d'idade.

Em 29 de Novembro, em Ajaccio, o Dr. Wilh. Weith, Prof. de chimica em Zurich, com 37 annos.

Em 18 de Dezembro, em S. Petersburg, o Dr. Nicoláo J. Pirogoff, Prof. de cirurgia, com 71 annos d'idade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS — Agradecemos aos offerentes as seguintes publicações recebidas durante este mez:

Contribuição para o estudo dos aneurismas da arteria hepatica — Pelo Dr. D. A. Martins Costa, assistente de clinica medica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Desta importante publicação sobre um caso rarissimo nos annaes da medicina daremos mais de espaço noticia aos leitores da *Gazeta Medica*.

Da electricidade no emprego dos aneurismas — These do Dr. Caetano da Rocha Cerqueira. — Bahia, 1882.

Discurso — pronunciado no acto solemne da distribuição dos diplomas aos alumnos-mestres, em Dezembro de 1882, por Alfredo Collatino da Rocha.

Jornal do Agricultor — Publicação semanal dirigida pelo Sr. Dias da Silva Junior. Rio de Janeiro.

La Consulta — Revista de medicina, cirurgia e sciencias auxiliares. Director D. José Ramon de Torres y Martinez, Cadiz.

Boletim del departamento nacional de higiene — Importante publicação mensal feita oficialmente em Buenos-Ayres, contém os mais interessantes dados de estatistica geral e demographica relativos áquella cidade.